

## O SORRISO DA AVÓ EM “GUARDE SEGREDO”, DE ESMERALDA RIBEIRO<sup>1</sup>

Ana Margarida Dias Martins (Universidade de Exeter)<sup>2</sup>

### RESUMO

No conto “Guarde Segredo” (1991), Esmeralda Ribeiro (1958-) substitui os pais “verdadeiros” ou biológicos de uma jovem afrodescendente por dois pais “falsos” (vovó Olívia e Lima Barreto). Por qual razão Ribeiro nos apresenta esta família alternativa? Neste artigo, defendo que a imaginação de uma nova família permite a Ribeiro combinar uma abordagem da invisibilidade literária, histórica e política das mulheres afrodescendentes com uma visão crítica e ambivalente da maternidade, quando esta se torna excessivamente visível na esfera privada. Apropriando-se dos princípios utilizados por sociedades disciplinares para regular relações raciais e sexuais, “Guarde Segredo” introduz estruturas panópticas de disciplina (Foucault, 1977) no cotidiano familiar dos inquilinos da casa situada à rua Major Mascarenhas, de modo a inverter o processo de invisibilidade crescente da jovem narradora, enquanto mãe afrodescendente em potência. A solução panóptica encontrada por Ribeiro cria uma plataforma privilegiada de acesso aos seus pais enquanto observadores/educadores, um dos quais é, como veremos, mais invisível do que o outro. A imaginação de uma nova família em “Guarde Segredo” permite a Ribeiro oferecer pistas teóricas necessárias para uma discussão sustentável e não essencialista da maternidade no contexto do projeto político-literário da escritura afro-brasileira.

**Palavras-chave:** afrodescendência, (in)visibilidade, maternidade, *Cadernos Negros*, panóptico, hibridismo.

### ABSTRACT

In the short-story “Guarde Segredo” (1991) Esmeralda Ribeiro (1958-) substitutes the “real” parents of an Afro-Brazilian young woman with two “false” parents (vovó Olívia and Lima Barreto). Why does Ribeiro present us with this alternative family? In this article, I argue that the imagination of a new family allows Ribeiro to address the urgent question of the political, historical and literary invisibility of Afro-Brazilian women as mothers, whilst simultaneously advancing a critical understanding of motherhood when it becomes excessively visible in the private sphere. By taking strategic advantage of the panoptical principles (Foucault, 1977) used by disciplinary societies to regulate racial and sexual relations, Ribeiro inverts the process of becoming invisible that afflicts the narrator, as a potential Afro-Brazilian mother. This panoptical solution produces, in turn, a platform that allows the reader to observe the observers themselves (the false parents), one of which turns out to be more invisible than the other. I conclude by arguing that the imagination of a new family in “Guarde Segredo” contributes to enabling a sustainable and non-essentialist vision of the maternal in the context of the political and literary project of Afro-Brazilian writing.

**Keywords:** afrodescendence, (in)visibility, motherhood, *Cadernos Negros*, panoptics, hybridism.

### Introdução: parentescos fictícios

Esmeralda Ribeiro, jornalista, contista e ensaísta, estreou como escritora em 1982, com a publicação de cinco poemas, no volume V dos *Cadernos Negros*, revista que antecede e, mais tarde, se associa à criação do movimento político-literário *Quilombhoje Literatura*, formado em São Paulo em 1978. Como observa Eduardo de Assis Duarte, na introdução ao terceiro volume da obra de base *Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica* (2011), Ribeiro pertence a uma geração contemporânea de escritores e escritoras negras que questionam a celebração modernista de uma brasilidade fundada na mestiçagem, voltando-se para “a afirmação de uma escritura *negra* ou *afro-brasileira*, em que o sentimento de comunidade se sobrepõe ao de nacionalidade” (DUARTE, 2011b, p. 9). *Cadernos Negros*, uma série de revistas publicadas ininterruptamente desde a sua criação por autores à margem do mercado tradicional, tem funcionado como um veículo de comunicação entre escritores conscientes da sua “condição de minoria” (9) e um público leitor alternativo que se define como comunidade, mais do que como nação.<sup>3</sup> Na sua estreia literária, Ribeiro junta-se a essa comunidade, que define como “todos os negros presentes neste livro” (RIBEIRO, 1982, p. 20), com o objetivo de “mostrar que o negro saiu ou está saindo do fundo do quintal para sentar na sala de estar”.

Em “Guarda Segredo,” conto publicado em 1991 naquela mesma revista, Ribeiro desenvolve uma preocupação com a localização da pessoa negra no espaço doméstico, sexualizando, porém, os espaços do quintal e da sala de estar que, em 1982, tinha definido através do uso do masculino universal. Neste conto, o quintal e a sala de estar pertencem, não ao negro, mas mais especificamente a dois pais que poderíamos denominar como “falsos”: vovó Olívia, uma personagem que adota o papel de outramae (GILKES, 1986; HILL, 2009) na narrativa, e Afonso Henriques Lima Barreto (1881-1922), entendido por Octávio Ianni como um dos pais da literatura afro-brasileira.<sup>4</sup> Por que razão Ribeiro procede a um deslocamento da família original? Neste artigo, defendo que a imaginação de uma nova família permite a Ribeiro abordar a questão da invisibilidade literária, histórica e política das mulheres afrodescendentes e, ao mesmo tempo, avançar rumo a uma visão crítica e ambivalente da afromaternidade, quando esta se torna excessivamente visível na esfera privada.

Referindo-se à invisibilidade social do afro-brasileiro, Florentina da Silva Souza (2005, p. 35) assinala que essa invisibilidade se manifesta “na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade”. Em funções sociais de subalternidade, os afrodescendentes são invisíveis, mas tornam-se excessivamente visíveis a partir do momento em que começam a circular “por espaços caracterizados como ‘restritos

naturalmente' às classes médias.” “Guarde Segredo” transpõe a questão da (in)visibilidade afrodescendente para o contexto da família, convidando-nos a pensá-la, não só em termos de diferença de classe, como faz Souza, mas também a partir da variável da diferença de gênero. Nesse novo contexto, um dos papéis sociais que influenciam a maior ou menor visibilidade das mulheres afrodescendentes é a experiência da maternidade: se a entendermos à luz do pensamento de Anne McClintock (1997), ou seja, como guardiã simbólica da comunidade, a mãe afro-brasileira pode alcançar um nível de visibilidade que é, em geral, negado à mulher negra interessada em sair do seu “lugar” para se transformar em agente na cultura através da escrita. “Guarde Segredo” revela uma preocupação autoral referente a estas duas faces da maternidade: como estrutura de dominação (visível) e enquanto discurso de poder (invisível). No conto, a casa de família, descrita em termos que acentuam certa opulência de classe (com sete cômodos), é entendida como um espaço de controle, na qual se espelham os mecanismos sociais de vigilância, de caráter panóptico, enunciados por Souza (2005), que tornam excessivamente visíveis aqueles afro-brasileiros que saem do seu “devido lugar,” incomodando as classes privilegiadas. Ao apropriar-se dos princípios utilizados por sociedades disciplinares para regular relações raciais e sexuais no espaço público, “Guarde Segredo” introduz estruturas panópticas de disciplina (FOUCAULT, 1977) no cotidiano familiar dos inquilinos da casa situada à rua *Major Mascarenhas*, no Bairro de *Todos os Santos*, como forma de inverter o processo de crescente invisibilidade social que a jovem narradora, enquanto mãe afrodescendente em potência, enfrenta. A solução panóptica encontrada por Ribeiro oferece ao leitor uma plataforma privilegiada de acesso aos pais enquanto observadores/educadores, um dos quais é, como veremos, mais invisível do que o outro. Como pretendo demonstrar, os parentescos fictícios apresentados neste conto, não só realçam o papel crucial da maternidade na construção da ideia de uma comunidade afro-brasileira, como perturbam a visibilidade da matriarca negra, enquanto mera guardiã simbólica e, por isso, inevitavelmente apolítica, dessa mesma comunidade. Ribeiro articula a complexa visão do materno num conto de estrutura panóptica, oferecendo pistas teóricas importantes para uma discussão sustentável e não essencialista da maternidade, tanto biológica quanto fictícia, no contexto do projeto político-literário da escritura afro-brasileira.

## **1 Visibilidade e controle em “Guarde Segredo”**

Uma das características mais salientes de “Guarde Segredo” é a narração do medo no feminino. O conto chega às nossas mãos na forma de uma carta anônima, endereçada a uma

misteriosa “Prezada senhora”, escrita por uma mulher “atordoada” por fatos “estranhos”, que se passaram na companhia da avó, que a impedem de dormir e de revelar a sua verdadeira identidade. Numa história que questiona a possibilidade de distribuição total de sentido, não deixa de ser interessante que o pai da protagonista seja carteiro de profissão. A autora da carta, e filha do carteiro, é uma mulher do Rio de Janeiro que, aos dezessete anos, escapou da casa de sua avó após ter esfaqueado o seu namorado até à morte. Devido às dificuldades econômicas e problemas de saúde dos pais, ela cresceu numa situação de adoção informal, com a avó no papel de outramãe. Como nota Cheryl Gilkes (1986), a partir do contexto norte-americano, as mães comunitárias – que podem ser irmãs, tias, vizinhas, avós, primas – tendem a adotar o papel de “guardians of community political traditions” (GILKES, 1986, p. 48). Enquanto guardiãs das tradições políticas comunitárias, as outrasmães contribuem para a continuação de formas africanas de organização social no continente americano. Patricia Hill (2009) acrescenta que as mulheres que adotam o papel de outrasmães tendem a manter a família unida enquanto mediadoras de conflitos entre mães e filhas.

Não é este o caso em “Guarde Segredo”, no qual se verifica que, “apesar de mãe ser filha única de vovó, as duas eram geniosas. Quando ficavam juntas, brigavam sem parar” (RIBEIRO, 1991). A hostilidade e a dificuldade de comunicação entre a mãe e a avó da narradora impõem uma distância inabalável entre ambas, a ponto de impedi-las de coabitarem o mesmo espaço, num momento de dificuldade econômica. Por outro lado, entre avó e neta vai surgindo, aos poucos, uma intimidade temerosa, temperada por uma constante insatisfação, por parte da protagonista em relação à avó, que se recusa a oferecer respostas concretas às suas perguntas. De fato, na maior parte do conto, vovó Olívia não só evita passar qualquer tipo de informação ou conselho à neta, como rejeita normas sociais e expectativas comunitárias de comportamento maternal. No papel de outramãe, a avó surge como uma matriarca atípica, dividindo a sua casa com um homem (que não é seu marido), em vez de acolher a própria filha, quebrando com expectativas de raça, gênero e idade, que tendem a definir as avós, as mães e as outrasmães como plataformas estáveis de educação, conhecimento e apoio na comunidade. Dessa forma, o conto insiste na especificidade racial, social e de classe da maternidade, ao mesmo tempo em que questiona essencialismos relacionados com a experiência do materno (biológico e não biológico).

O estilo retrospectivo da carta exprime, ao nível formal, esta visão ambivalente da maternidade enquanto experiência supostamente mediadora e conciliatória. O clima de tensão suscitado pelo fato da adoção informal e resultante também da incapacidade da avó de mediar conflitos familiares revela-se, sobretudo, no ritmo rápido imposto pelas frases curtas, que

espelham os níveis de expectativa, medo e incerteza sentidos pela narradora ao chegar pela primeira vez à casa da avó:

Demorei menos de uma hora para chegar lá. Levei comigo apenas a mochila da escola e uma pequena trouxa de roupa. Quando cheguei para abrir o portão, ele estava trancado com cadeado. Não me lembro quantas vezes chamei por vovó. Parada ali fora, observei a arquitetura da casa. O portão e o muro eram de madeira e bem altos. As paredes de concreto eram altas também. As janelas amplas, e com cortinas. As cortinas deviam ser muito pesadas, pois estavam todas fechadas. (RIBEIRO, 1991)

A descrição da jovem de onze anos, em frente ao portão alto e fechado da avó, demonstra que a narração do medo em “*Guarde Segredo*” afeta, sobretudo, a narração do espaço ocupado pelo materno. A avó é, tal como a casa que habita, uma pessoa grande, antiga e opaca, cheia de mistérios e portas fechadas. Após uma longa espera inquieta, a narradora vê, finalmente, uma mulher no passeio caminhando na sua direção: “Parecia mas não era vovó Olívia. Tinha a mesma cor. O rosto igualmente sem nenhuma ruga. Magra e baixinha, e cabelos de algodão. A diferença entre as duas estava nos óculos” (RIBEIRO, 1991). No papel de outramãe, a avó estabelece um espaço de negociação do materno, que se articula no conto através da narração do medo e de uma resistência à visibilidade imediata da avó – nesse caso, representado com recurso à camuflagem (“os óculos”) no passeio público.

Como explicar a resistência autoral à visibilidade imediata do materno, num conto claramente escrito contra séculos de invisibilidade política e literária da mãe afrodescendente? Para respondermos a esta pergunta, é necessário atentarmos na relação existente entre a resistência à visibilidade da avó e a visibilidade total da neta. Apesar de não estar junto ao portão para receber a neta, a avó registra ou supervisiona todos os seus movimentos, e este registro prolonga-se ao longo do conto. No papel de inquilino secreto ou fantasmagórico da avó, Lima Barreto também se revela de forma intermitente e indireta dentro de casa, nomeadamente através do ruído da sua máquina de escrever (“tec-tec-tec”) no fundo do corredor, ou de uma fotografia na parede: “subi na cadeira mas, quando estiquei a mão para pegar e ver melhor a foto, só consegui ler as iniciais L. B.”. A jovem, por sua vez, contrasta com os outropsais, enquanto pessoa altamente visível e observável no contexto da nova família.

À semelhança do sistema de registro permanente que caracteriza o Panóptico de Jeremy Bentham, descrito por Michel Foucault (1977, p. 195-228), a casa permite aos pais falsos ver e reconhecer sem serem vistos. No seu estudo sobre dispositivos de vigilância,

Foucault (1977, p. 200) descreve como o mecanismo arquitetural controla os presos pela simples sujeição destes a um campo de visibilidade:

We know the principle on which it was based: at the periphery, an annular building; at the centre, a tower; this tower is pierced with wide windows that open onto the inner side of the ring; the periphery building is divided into cells (...) All that is needed, then, is to place a supervisor in a central tower and to shut up in each cell a madman, a patient, a condemned man, a worker or a schoolboy<sup>5</sup>.

Imaginada como um panóptico, a casa da rua *Major Mascarenhas*, é um local onde a jovem se sente observada, muitas das vezes sem ver quem a vê. A sua nova mãe é descrita como “um olho que olha”: “Como se estivesse nos olhando sempre” (RIBEIRO, 1991). Os ruídos de riso e conversa dentro de um quarto fechado garantem a aparente onipresença do seu novo pai, que pode aparecer a qualquer instante: “Um homem sempre aparecia pra gente brincar. Como surgia, também sumia, de repente” (RIBEIRO, 1991). Ribeiro opta por estabelecer um espaço de negociação do materno, que se articula através de um esquema panóptico, criador de medo e espanto: “Quando virei o corpo, vovó Olívia se encontrava ali parada. Com o susto, caí pra trás” (RIBEIRO, 1991). Porém, o objetivo do esquema disciplinar panóptico em “*Guarde Segredo*” não é o de dominar a jovem pela ameaça de punição. Certamente, o objetivo dos pais invisíveis é, inversamente, o de conduzir a jovem a rebelar-se contra a sua própria invisibilidade enquanto mulher afrodescendente.<sup>6</sup> É por essa razão que o medo sentido pela jovem não a coloniza psicologicamente, e muito menos a impele à sujeição corporal. Neste conto, a supervisão dos “pais falsos” conduz à insurreição, e ao crime sem punição (morte do namorado), seguido de fuga: “nunca mais voltei àquela casa” (RIBEIRO, 1991). O próprio medo é colonizado em tal narrativa que utiliza os princípios das sociedades disciplinares para inverter as suas normas e hierarquias. A introdução estratégica de estruturas panópticas na descrição das relações familiares é uma forma de alcançar o que definirei provisoriamente como a “visibilidade inverificável” da narradora em fuga: uma visibilidade capaz de escapar ao poder disciplinar de uma sociedade estruturalmente racista, através de uma fuga final que invoca a utopia quilombola da fuga como estratégia de oposição.<sup>7</sup>

A questão que se levanta, nesse ponto, é se a família alternativa, enquanto porta para a utopia quilombola arquitetada no conto, consegue escapar à subjetividade panóptica baseada, como defende Foucault, na internalização do poder e em dinâmicas coercivas. Conceitualmente, o que está no centro da “casa panóptica” de Ribeiro não é quem vê (ou lê),

mas quem é visto, na medida em que a carta é escrita na primeira pessoa. Porém, a ficcionalização da “casa da certeza” (FOUCAULT, 1977, p. 202), em que a narradora é observada constantemente pelos seus outropsais permite, inevitavelmente, a observação dos próprios observadores. Como avança Foucault (1977, p. 204), “this panopticon (...) also enables everyone to come and observe any of the observers”<sup>8</sup>.

A solução panóptica encontrada por Ribeiro para alcançar a “visibilidade inverificável” da narradora em fuga permite-nos, igualmente, vislumbrar os corpos irregulares e reais da família alternativa da jovem no seu papel de inspetores, na medida em que, segundo Foucault, o esquema panóptico permite observar o poder que as pessoas exercem umas sobre as outras. Neste contexto, a ficcionalização da casa na rua *Major Mascarenhas* como prisão ilumina não só a crescente invisibilidade da neta, como também as subserviências “automáticas” e as coerções sutis, ou pequenas violências, que sustentam a instituição da família alternativa proposta por Ribeiro, enquanto regime de monitoria. A vingança da narradora em “Guarde Segredo,” sendo facilitada pela monitoria constante dos pais observadores/educadores, assinala, por sua vez, como veremos, uma submonitoria do materno.

## **2 Hiper-visibilidade e internalização do poder em “Guarde Segredo”**

A relação intertextual existente entre “Guarde Segredo” e *Clara dos Anjos* (1961), romance escrito entre 1904 e 1905, mas terminado apenas alguns meses antes da morte de Lima Barreto em 1922, e publicado postumamente em 1948, insere o conto de Ribeiro numa narrativa secular de infecundidade e erotismo que marca a relação entre a literatura brasileira e a mulher afro-brasileira.<sup>9</sup> Como escreve Duarte (2010, p. 29-30), a afrodescendência estéril é “uma imagem que atravessa os séculos e marca a representação dos descendentes de africanos na literatura brasileira”. Nesse contexto, o dever político de abordar a afro-maternidade como símbolo de poder conduz à desconstrução de um dos grandes estereótipos oriundos da sociedade escravagista, de forma a “agregar um perturbador suplemento de sentido ao conjunto de figurações marcadas desde sempre pela expressão das fantasias sexuais aqui plantadas pelo discurso do colonizador” (p. 29-30).

Enquanto narrativa de denúncia social sobre as injustiças de discriminação racial no Brasil do século XIX, *Clara dos Anjos* procura dar visibilidade à mulher afro-brasileira enquanto mãe. No romance de Lima Barreto, Cassi Jones é um malandro que seduz e abandona Clara dos Anjos, uma mestiça ingênua filha de Engrácia e Joaquim dos Anjos,

quando descobre que ela está grávida. Como destaca Sérgio Buarque de Holanda, no prefácio à edição de 1961, Clara aparece no romance mais como um elemento de denúncia social do que como uma personagem devidamente desenvolvida. Nascida no seio de uma família pobre, porém honesta, nos subúrbios do Rio de Janeiro, Clara é praticamente iletrada e sem quaisquer ambições intelectuais, sociais ou econômicas: “O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, mas era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido” (BARRETO 1961, p. 138-139). Desprovida de quaisquer ambições, Clara torna-se vítima do ideal burguês de amor romântico (NEVES, 2009, p. 52), que surge na obra diretamente associado ao gênero epistolar. Para convencer as jovens a dormirem com ele, Cassi Jones tem por hábito mandar-lhes uma cópia de uma velha carta, cheia de erros ortográficos: “A fatídica carta era a reprodução de um modelo que lhe dera um companheiro da malandragem, o Ataliba do Timbó, o qual, por sua vez, tinha obtido de um poeta ‘porrista’ que morava na Piedade” (BARRETO 1961, p. 49). A queda de Clara é, ainda, relacionada na obra de Lima Barreto à incompetência de certas mães, nomeadamente a mãe branca de Cassi, Dona Salustiana, descrita como uma mulher hipócrita que prefere proteger o filho a vingar a crueldade das relações do mesmo com as jovens “de cor” (BARRETO, 1961) inocentes. A mãe de Clara, por seu turno, também peca pelo protecionismo exagerado, o que impede a filha de aprender a se defender de pessoas como Cassi Jones. Enquanto a mãe isola Clara totalmente do mundo, o pai, por outro lado, carteiro de profissão, não consegue impedir que a filha receba a “carta fatal” (BARRETO, 1961, p. 107)

Ribeiro reconstrói a narrativa de Lima Barreto, subvertendo estes dois elementos chave do romance – o gênero epistolar e os erros da (afro-)maternidade – que, como vimos, adquirem um papel central na vitimização de Clara. Em “Guarde Segredo”, Clara não é mais o objeto da escrita num texto de autoria masculina, mas surge, finalmente, como sujeito da escrita, mesmo que em fuga. Como escreve José Eugênio das Neves (2009, p. 57), “O texto de Esmeralda Ribeiro apresenta uma alteração diferenciadora, como texto suplementar que cita sim a tradição, mas também a rasura, plissando-a”. De fato, longe de ser uma cópia cheia de erros, como a “fatídica carta” (BARRETO 1961, p. 49) de Cassi Jones, esta nova carta reestrutura os acontecimentos, repetindo-os na diferença (BHABHA, 2005). Por exemplo, ao localizar o assassino de Cassi Jones “na saleta de um hotelzinho” (RIBEIRO, 1991), a carta de “Guarde Segredo” problematiza a distinção entre o espaço público e o privado, distinção esta que, em *Clara dos Anjos*, permitira a Cassi Jones sair ileso das suas aventuras. A decisão de ambientar o assassinato num hotel permite a Ribeiro enfrentar um medo específico, descrito por Souza (2005, p. 36) como o “medo de saber-se discriminado pela pertença a um

grupo étnico” que “leva muitos negros a se recolherem, evitando espaços públicos nos quais correm maiores ou mais previsíveis riscos de discriminação, porque constrangidos e impossibilitados de reivindicar seus direitos de cidadãos.” Contra o medo de circular, o assassinato no hotel traz a mulher afro-brasileira (e mãe em potência), bem como a questão da violência entre homens e mulheres, da penumbra da esfera privada para a esfera pública, politizando assim o ato de vingança.

Convém salientar, entretanto, que esta vingança é, sobretudo, o resultado da presença da avó. Em “Guarde Segredo”, é a avó quem oferece um recomeço ao pai afro-brasileiro, ao ouvir o seu pedido e ao trazê-lo de volta do mundo dos mortos: “foi ele quem pediu pra voltar” (RIBEIRO, 1991). Este segundo nascimento, condição para o assassino de Cassi Jones, transforma o corpo da avó num sistema fechado, ou num lugar de silêncio, já que a sua presença, que deve a todo o custo permanecer secreta, determina, em grande parte, a dinâmica comunicativa entre a neta e a avó. Ao introduzir Lima Barreto como outropai invisível, que escreve enquanto a filha trata da casa (“depois da faxina, cuidava da horta”) e a outramãe costura “uma colcha de retalhos,” Ribeiro expõe a paternidade simbólica do seu próprio texto, que podemos definir enquanto discurso literário negro masculino, histórica e materialmente sustentado, na esfera privada, por uma performatividade negra feminina. Na medida em que é amparada pelo corpo da mãe afrodescendente, esta paternidade simbólica depende necessariamente da visibilidade do corpo materno no espaço privado. Essa dependência e proximidade é tal que a narradora nem sempre consegue discernir quem é quem. Como descreve a narradora, as duas atividades criativas dos outropais – escrever e costurar – assemelham-se bastante, na medida em que nenhuma delas tem um fim aparente: “nunca vi a colcha pronta” e, “O escritor tirou da máquina o papel, rasgou em pedacinhos e jogou no lixo” (RIBEIRO, 1991). Tal como as suas atividades, também os seus corpos se assemelham, a ponto de se sobreporem: “no lugar de vovó costurando sobre a mesinha, vi o mesmo homem do quadro ... (que) conversava e ria sozinho” (RIBEIRO, 1991). Esta sobreposição alcança o seu clímax no momento em que a narradora percebe que a avó “tinha, no rosto, o mesmo sorriso daquele homem” (RIBEIRO, 1991). A superimposição do sorriso de um nos lábios da outra sugere aqui um nascimento em reverso, ou seja, o retorno imaginado do pai afrodescendente aos lábios “originais” da mãe. O sorriso da avó denuncia a anatomia de poder, que se esconde detrás dos corpos observadores: a ideia de resistência é arquitetada no conto a partir de uma estrutura panóptica e alcançada a partir do corpo materno enquanto catalisador, mais do que autor, da resistência. Se é verdade que o sorriso sexualmente híbrido da avó complica a questão da autoria da vingança, ao articular uma polifonia de vozes

autorais que nos impede de lançar âncora no rochedo de uma autoria única, autêntica e unitária, quer masculina, quer maternal, também é verdade que este sorriso torna visível, sobretudo, a avó, enquanto símbolo de oralidade e catalisadora de uma resistência marcadamente escrita no masculino:

- Você matou Cassi Jones? – ele interrompeu o meu devaneio.
- Matei – respondi. Como soube disso?, interroguei-me.
- Bravo! Era esse o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi Jones.” (RIBEIRO, 1991).

Neste contexto, a sobreposição simbólica do sorriso de Lima Barreto nos lábios da avó expõe espaços de dominação e identificações discriminatórias “no interior do quarto” (RIBEIRO, 1991) ou, como escreve Ribeiro em *Cadernos Negros*, “na sala de estar” (1982), já que a reescrita suplementar, proporcionada pelo retorno do fantasma, depende da instrumentalização do corpo materno (na esfera privada) enquanto início “original” ou motor oral e simbólico de um projeto (público) de reescrita, aqui definido como masculino. Não basta, portanto, afirmar, como escreve Neves (2009, p. 58), que “o fantasma (de Lima Barreto) retorna em busca de um desfecho diferente para a história que havia escrito”. Há que se abordar esse desfecho diferente considerando o papel atribuído às mães em jogo, e em especial, ao poder afro-maternal (vovó Olívia), responsável principal pelo reaparecimento do fantasma-inquilino, e pela luta e fuga da jovem.

Em suma, no conto “Guarda Segredo”, a vingança da narradora é autorizada pela inscrição de uma nova família, cuja atividade estrategicamente disciplinante depende, no entanto, da disponibilidade corporal, oral e maternal da avó. Ou seja, apesar de estarmos perante uma “outrafamília” onipresente e largamente invisível, um dos pais é, no fundo, mais invisível (e, por isso, mais apto ao exercício de poder, como demonstra Foucault) do que o outro. O acordo tácito que define a relação entre os pais falsos depende, afinal, de comportamentos de gênero tradicionais bem internalizados (FOUCAULT, 1977). Desta forma, “Guarda Segredo” denuncia não só a esfera pública, mas também a esfera privada afro-brasileira, enquanto local de monitoria, alertando-nos para a armadilha que é a glorificação da visibilidade excessiva da mãe afrodescendente.

Como nota Hill (2009, p. 190), a imagem da mãe negra e forte traz consigo o desejo de controlar os corpos e as decisões das mulheres negras, aproximando-se perigosamente da imagem da “escrava feliz.” Em vez de oferecer uma imagem forte da mãe afrodescendente, Ribeiro exprime em “Guarda Segredo” uma ambivalência, em meu entender, salutar, no que diz respeito ao materno. Esta ambivalência é facilitada pela substituição dos pais

“verdadeiros” ou biológicos pelos “pais falsos.” Através da representação duplicada da família tradicional, Ribeiro cria um objeto inapropriado – os “pais falsos” – que, à maneira do objeto híbrido colonial de Homi Bhabha (2005, p. 167), “conserva a semelhança real do símbolo autorizado, mas reavalia a sua presença, resistindo a ele como o significante do *Entstellung* – após a intervenção da diferença”. Em *O Local da Cultura*, Bhabha (2005, p. 165) define “hibridismo colonial” como uma problemática de representação “que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base da sua autoridade”. À maneira do hibridismo colonial definido por Bhabha, o objeto híbrido afro-parental apresentado em “Guarda Segredo,” responsável pela politização da narradora, expõe espaços de discriminação e dominação, tanto públicos como privados, ao tornar estranhos discursos dominantes relativos à maternidade. Através da alternância entre resistência e abertura total à visibilidade da avó, Ribeiro insiste na especificidade da maternidade afrodescendente, ao mesmo tempo em que rejeita essencialismos relacionados com a experiência maternal, quer branca, quer negra.

Neste contexto, torna-se necessário contextualizar o tema da maternidade afro-brasileira em “Guarda Segredo” não só à luz de uma narrativa secular de infecundidade e erotismo (*Clara dos Anjos*), mas também à luz de uma narrativa nacional interessada em reiterar uma especificidade brasileira, a partir da figura da mãe e do corpo materno enquanto origem do eu individual e da nação coletiva. Se é verdade que as escritoras afro-brasileiras fazem parte de, e tendem a escrever para, uma comunidade francamente marginalizada pela nação brasileira, não é menos verdade que as suas vivências são, afinal, fruto e parte dessa mesma nação imperfeita. Uma análise da ambivalência relativa ao materno, no conto, terá que considerar o papel simbólico da comunidade afro-brasileira, e da mãe afro-brasileira em particular, como guardiã simbólica dessa comunidade, no contexto mais geral da imaginação da nação.

### **Conclusão: maternidade e feminismos**

Em suma, “Guarda Segredo” coloca as questões da autoria feminina e da maternidade afro-brasileiras como problemas fundamentais levantados, ou produzidos pelo texto, e não como soluções para o texto. Este entendimento complexo da afro-maternidade, enquanto conjunto de práticas históricas e sociais situadas e, por isso mesmo, ambivalentes, é comum na escrita de artistas afro-brasileiras ligadas aos *Cadernos Negros*. Trata-se de um

entendimento que procura não ter que escolher entre as duas possibilidades delineadas por Julia Kristeva (1985, p. 142), em “Stabat Mater”:

a woman has only two choices: either to experience herself in sex hyperabstractly (in an “immediately universal” way, as Hegel would say) so as to make herself worthy of divine grace and assimilation to the symbolic order, or else to experience herself as different, other, fallen (or, in Hegel’s terms again, “immediately particular”).<sup>10</sup>

No poema “Eu-mulher” (1998), a escritora mineira Conceição Evaristo (1946-), uma das mais importantes autoras negras do Brasil, exemplifica esta preocupação ao unir os temas da maternidade e do desejo sexual: “Uma gota de leite/ me escorre entre os seios./ Uma mancha de sangue/ me enfeita as pernas./ Meia palavra mordida/ me foge da boca./ Vagos desejos insinuam esperanças./ Eu mulher em rios vermelhos/ inauguro a vida.” Apesar de fazer referência ao leite, símbolo por excelência da *Mater Dolorosa*, como nos lembra Kristeva (1985, p. 143), esta visão da maternidade rompe, parcialmente, com imagens da pura devoção, autossacrifício e amor incondicional que caracterizam o arquétipo maternal, seja negro seja branco, na medida em que a “meia palavra mordida” que “foge da boca” contradiz a metáfora da não linguagem presente na referência ao leite materno. Por outras palavras, o sujeito poético em “Eu-mulher” procura transformar-se em agente cultural enquanto mãe.

Esta decisão artística vai contra o pensamento teórico de Kristeva, para quem qualquer tentativa, por parte da mãe, em se tornar agente na cultura, está destinada a falhar, já que o social é, segundo Kristeva, sempre opressivo para com a mulher. Habitando a fronteira entre o contrato biológico e o contrato social, a mãe vive num espaço no qual não tem espaço, na medida em que ela terá de desaparecer gradualmente para que a criança possa desenvolver-se no mundo, de forma adequada. É por essa razão que Kristeva valoriza o potencial subversivo da maternidade, apesar de séculos de idealização e legitimização do materno pela ordem simbólica cristã. No seu entender, a mãe é importante, pois é através dela que se consegue alcançar o espaço semiótico, bem como as suas possibilidades revolucionárias.

Porém, como nota Ann Rosalind Jones (1984), o modelo de subversão da ordem simbólica, avançado por Kristeva, reforça, inevitavelmente, o papel tradicional que o patriarcado oferece às mulheres: o de mães e objetos na representação cultural dos homens, por oposição ao de agentes culturais (JONES, 1984, p. 63). Daqui, conclui-se que o trabalho crítico de cunho psicanalítico, realizado por Kristeva, em torno da maternidade parece ter pouco a oferecer às mulheres afro-brasileiras que, como Ribeiro e Evaristo, escrevem como mulheres e como mães, precisamente para escaparem à invisibilidade social, a identificações estereotipadas (ex. infertilidade), e a uma existência apolítica.<sup>11</sup> “Guarde Segredo” tal como

“Eu-mulher”, exemplifica essa tentativa de repensar a afro-maternidade e o erotismo, retirando a mãe afro-brasileira desse não-lugar que supostamente vai se dissolvendo, e dando-lhe voz política e erótica, autonomia e visibilidade social, através da escrita.

Nesse contexto, explicar a resistência à visibilidade imediata do materno em “*Guarde Segredo*” implica reconhecer que as escritoras afro-brasileiras, que escolhem escrever sobre a maternidade para se transformarem em agentes de cultura no Brasil, enfrentam um complexo desafio: criar visões alternativas capazes de politizar a experiência da maternidade sem cair na sublimação da mesma. Numa entrevista a Assis Duarte, Ribeiro aborda precisamente essa questão, denunciando a dicotomia existente entre literatura (normalmente associada ao baixo ventre) e política (em geral associada à cabeça) que caracteriza a relação entre *Cadernos Negros* e o Movimento Negro, respectivamente: “a literatura é pouco valorizada no âmbito do Movimento Negro, sobretudo aquela feita por mulheres. (...) Quando há um debate, um congresso, até mesmo internacional, de mulheres feministas, as escritoras não entram. Eu costumo dizer que é como se nós só tivéssemos a parte de baixo do corpo, o baixo ventre” (DUARTE, 2011c, p. 88). Como se pode depreender desse depoimento, Ribeiro não está interessada em glorificar o materno, apesar de lhe oferecer um papel central em “*Guarde Segredo*”. O conto aproxima-se da maternidade do mesmo modo que a neta se aproxima da avó e da sua casa, ou seja, de forma temerosa e através de pequenas distâncias e aproximações diárias. Tal como o título do conto sugere, o texto comunica uma ansiedade, no que diz respeito ao materno, pedindo segredo, mas desejando, ao mesmo tempo, revelar algo sobre o materno, que se esconde no reino da avó: não no reino da avó entendido como o outro lado do reino do homem, como escreve Mudimbe (1991, p. 77-78), mas no lugar que instiga a subversão de todos os reinos.

Dedico este artigo à memória das minhas avós, Alice e Isaura.

## Referências

BARRETO, Afonso Henriques Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Traduzido por M. Ávila, E. Reis e G. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. Precursores*. Vol. I. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. Contemporaneidade*. Vol. III. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica. História, Teoria, Polêmica*. Vol. IV. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011c.

\_\_\_\_\_. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, C. Lima; DUARTE, E. Assis; ALEXANDRE, M. *Falas do Outro: Literatura, Gênero, Etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 24-37.

EVARISTO, Conceição. Eu-mulher. In: *Cadernos Negros: Os Melhores Poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Trad. A. Sheridan. London: Penguin, 1977.

GILKES, Cheryl. The Roles of Church and Community Mothers: Ambivalent American Sexism or Fragmented African Familyhood? *Journal of Feminist Studies in Religion*. Ano 2, vol. 1, 1986, p. 41-59.

HILL, Patricia. *Black Feminist Thought*. New York and London: Routledge, 2009.

JONES, Ann Rosalind. Julia Kristeva on Femininity: The Limits of a Semiotic Politics. *Feminist Review*, n. 18, 1984, p. 56-73.

KRISTEVA, Julia; GOLDHAMMER, Arthur. Stabat Mater. *Poetics Today* ano 6, v.1. 1985, p. 133-152.

McCLINTOCK, Anne. No Longer in a Future Heaven: Gender, Race and Nationalism. *Cultural Politics*. 1997, p. 89-112.

MUDIMBE, V. Y. Review of Letters of Reference. "Theories of Africans: Francophone Literature and Anthropology in Africa", by Christopher L. Miller; "Conquerants de la nuit: Edouard Glissant e l'Histoire antillaise by Bernardette Cailler." In: *Transition*, n. 53, 1991, 62-78.

MUNANGA, Kabengele ; GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Editorial Globo, 2006.

NEVES, José Eugênio das. Esmeralda Ribeiro e Lima Barreto: Um Diálogo sem Segredos. *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*. N. 17, 2009, p. 49-59.

RIBEIRO, Esmeralda. Poemas. *Cadernos Negros V*. São Paulo: Edição dos Autores, 1982.

RIBEIRO, Esmeralda. *Guarde Segredo*. 1991. Disponível em: <[http://cybercontos.no.sapo.pt/html/guarde\\_segredo.html](http://cybercontos.no.sapo.pt/html/guarde_segredo.html)>. Acesso em 3 abr. 2015.

RICH, Adrienne. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. London: Virago, 1977.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

---

<sup>1</sup> Uma versão inicial deste artigo foi apresentada num seminário no King's College London em Outubro de 2012, e na V Conferência Internacional da Associação de Lusitanistas Irlandeses e Britânicos (ABIL), que ocorreu em Setembro de 2013 na Universidade de Oxford. Estou muito grata ao Professor Doutor David Treece pelas suas sugestões de leitura, à Doutora Patricia Schor pelas perguntas pertinentes, aos Professores Doutores Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Fonseca pelo seu acolhimento e generosidade em Belo Horizonte, e à escritora Conceição Evaristo pelo seu testemunho de vida e de escrita em Londres, que me ajudaram a estruturar a leitura aqui apresentada. Estou também muito grata ao parecer de um revisor anónimo, e a Clarice Araújo, pela revisão ortográfica e reescrita do artigo em português do Brasil.

<sup>2</sup> Ana Margarida Dias Martins é Professora Associada de Estudos Portugueses na Universidade de Exeter, Reino Unido. Os seus interesses de investigação centram-se nos estudos pós-coloniais, feministas e culturais em contextos lusófonos. É autora de *Magic Snakes and Flying Stones: Gender and the Postcolonial Exotic in the Work of Paulina Chiziane and Lídia Jorge*. (Peter Lang, 2012), e coorganizadora de *The Lusotropical Tempest: Postcolonial Debates in Portuguese* (Bristol University Press, 2012). É doutorada em literaturas portuguesa e moçambicana pela universidade de Manchester e lecionou nas universidades de Cambridge e King's College London. Email: [a.m.d.martins@exeter.ac.uk](mailto:a.m.d.martins@exeter.ac.uk).

<sup>3</sup> Os *Cadernos Negros* são, desde o seu início, produzidos e vendidos pelos próprios autores. Enquanto publicação alternativa, a série contribuiu para a criação de “uma outra órbita de circulação e divulgação” fora da cultura oficial e da produção das grandes editoras (SOUZA, 2005, p. 41). Esta edição marginal não foi uma escolha mas uma imposição do mercado, na medida em que a autopublicação foi, durante muito tempo, a única forma de fazer chegar ao público leitor as propostas da série.

<sup>4</sup> “É provável que Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto sejam os fundadores da literatura negra, sem prejuízo da sua importância na literatura brasileira.” (DUARTE, 2011c, p. 186).

<sup>5</sup> “Conhecemos o princípio em que se baseia: na periferia, um edifício anelar, ao centro, a torre; esta torre é recortada por janelas largas que abrem para o interior do anel; o edifício periférico é dividido em celas. (...) Tudo o que é preciso, então, é colocar um inspetor na torre central e fechar em cada cela um louco, um doente, um homem condenado, um trabalhador, um menino de escola” (tradução nossa).

<sup>6</sup> Foucault nota, de fato, que o Panóptico não serve só para observar e punir, mas para alterar comportamentos: “But the Panopticon was also a laboratory; it could be used as a machine to carry out experiments, to alter behaviours, to train or correct individuals” [Mas o Panóptico também era um laboratório; podia ser usado como uma máquina para realizar experiências, modificar comportamentos, treinar ou corrigir indivíduos] (FOUCAULT, 1977, p. 203, tradução nossa).

<sup>7</sup> A palavra “quilombo” refere-se a uma forte tradição de resistência à escravatura no Brasil. Como notam Kabengele Munanga e Nilma Gomes, quilombo não deve ser entendido apenas como lugar de refúgio ou gueto, mas como organização de uma sociedade livre de pessoas que se rebelam contra o sistema e que se recusam a viver sob a escravidão (cf. MUNANGA; GOMES 2006).

<sup>8</sup> “este panóptico (...) também permite a qualquer pessoa observar qualquer um dos observadores” (tradução nossa)

<sup>9</sup> Como escreve Duarte, *Clara dos Anjos* foi inicialmente publicado em forma de conto (sob o mesmo título) no volume *Histórias e sonhos* (1920), e só mais tarde transformado em romance (DUARTE, 2010, p. 33).

<sup>10</sup> “a mulher tem apenas duas escolhas: experienciar-se a si própria enquanto sexo de forma hiper-abstrata (de uma forma ‘imediatamente universal’ como diria Hegel) para se tornar digna da graça divina e da assimilação à ordem simbólica, ou então experienciar-se como diferente, outra, pecadora (ou, de novo nas palavras de Hegel, ‘imediatamente particular’”. (tradução nossa).

<sup>11</sup> O mesmo se pode dizer de uma tendência do feminismo branco ocidental que, desde a chamada “segunda vaga,” tem enfatizado, sobretudo, a falta generalizada de poder e autonomia das mães. Como é que eu posso permanecer eu própria, manter o meu emprego e a minha saúde, ser paga e tratada de forma igualitária, enquanto um ser cresce dentro de mim? A obra seminal de Adrienne Rich, *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution* (1977), inaugura esta tradição intelectual que pensa a maternidade como uma instituição, e que a relaciona com uma experiência de perda.